

ÍNDICE

O Autor e a Obra: 4

MARIA STUART: 8

Ato Primeiro: 10

Ato Segundo: 47

Ato Terceiro: 82

Ato Quarto: 105

Ato Quinto: 137

O Autor e a Obra



“**Friedrich von Schiller** foi um historiador, poeta e dramaturgo alemão, nascido na fé luterana em 10 de novembro de 1759, em Marbach, Wurttemberg.

Recebeu formação em psicologia e medicina, mas seu interesse principal residia em escrever peças teatrais e trabalhos teóricos. A vida de Schiller dividiu-se em dois períodos e atividade dramática, separados por dez anos de silêncio. Cada período de sua atividade dramática revela pontos de vista diferentes em seu próprio desenvolvimento do drama.

O primeiro período enfatiza seu ideal de liberdade

moral. Este ideal surgiu de suas próprias experiências com a tirania e foi fortemente influenciado pelo idealismo kantiano. Schiller via em Kant o homem que salvara a liberdade. O princípio de liberdade moral, como posto por Kant, é o de que somente criando e atuando leis morais para si é que um homem pode se provar superior às leis da natureza, às quais permanece sujeito. Rejeitando as fronteiras que a natureza nos impõe, um indivíduo pode se tornar seu próprio mestre, garantindo-se liberdade moral.

Em seus dramas iniciais, Schiller criou um mundo em que estas idéias adquirem uma vívida realidade. O dualismo é evidente no conflito entre o protagonista e as forças que lutam contra sua liberdade. Este conflito trágico do protagonista serve para estimular o senso de liberdade moral e para inspirar a audiência por seu exemplo. O herói livremente escolhe uma situação trágica que lhe permite afirmar sua liberdade moral.

O período dramático de Schiller de liberdade moral durou até 1788. Foi então que se seguiram dez anos de silêncio. Durante este hiato, Schiller foi constantemente assediado por débitos e doenças. Em 1791 foi atacado de pleurisia e pneumonia das quais nunca se recobrou plenamente.

Sua única fonte de renda era de jornais nos quais seus trabalhos eram publicados.

Foi então que Schiller voltou suas atenções para se tornar um historiador profissional. Crê-se que ele não estava seriamente interessado na história por si mesma, mas para através dela construir sua imaginação poética. História era intrigante para Schiller porque preenchia uma lacuna em seu conhecimento. Ele conquistou um posto não remunerado como professor de história em

Iena. Ele também se tornou familiar com os historiadores francês e inglês Voltaire e Watson. Todavia, em seus escritos, Schiller freqüentemente desprezava as fontes reais e dava sua própria interpretação do momento histórico.

Durante seu descanso dramático, Schiller também escreveu numerosos trabalhos teóricos sobre história e drama. Foi por esta época que Schiller divisou seu ideal de harmonia, um ideal que desenvolveria plenamente no segundo período de atividade dramática. O ideal de harmonia liga-se diretamente à beleza e como sendo uma só com a natureza. Schiller cria que a beleza aparece quando a perfeição de um objeto aparece como natureza.

Uma ação moral torna-se uma ação bonita apenas quando assemelha-se a um efeito espontâneo de natureza. Beleza moral é quando o dever se torna uma segunda natureza. O dever precisa se tornar segunda natureza, porque senão ele constrangiria a natureza e negaria sua liberdade. Uma alma bonita é quando o senso moral em uma pessoa tomou tal controle de todos os seus sentimentos que pode confiar a vontade às emoções. O ideal de harmonia ocorre quando beleza é una com natureza.

Em sua peça Maria Stuart, Schiller introduz tanto a filosofia de liberdade moral quanto a harmonia. As duas figuras principais, Maria e a Rainha Isabel, representam cada filosofia. Em Maria, a natureza é representada pela culpa e o pecado. Renunciando a elas, renuncia à natureza e alcança liberdade moral. Em Isabel, a natureza representa a qualidade humana inestimável de beleza que lhe falta. Em vão ela procura um substituto para ela, tal como poder, para que possa preencher o

ideal de harmonia.”

Fonte:

Dalhousie University

www.dal.ca/~thtrwww/dtdp/mary/mary2.htm

SCHILLER



MARIA STUART

PERSONAGENS

ISABEL, rainha da Inglaterra.

MARIA STUART, rainha da Escócia.

ROBERTO DUDLEY, conde de Leicester.

JORGE TALBOT, conde de Shrewsbury.

GUILHERME CECIL, barão de Burleigh, tesoureiro-mor.

CONDE DE KENT.

GUILHERME DAVIDSON, secretário de Estado.

AUSIAS PAULET, cavaleiro, guarda de Maria Stuart.

MORTIMER, sobrinho de Paulet.

CONDE DE AUBESPINE, embaixador de França.

CONDE DE BELLIEVRE, enviado extraordinário do rei de França.

OKELLI, amigo de Mortimer.

DRUGÉON DRURY, segundo guarda Stuart.

MELVIL, mordomo do palácio.

ANA KENNEDY, ama de leite de Maria Stuart.

MARGARIDA KURL, aia de Maria Stuart.

O cherife do condado, oficiais da guarda, grandes do reino franceses e ingleses, soldados da guarda, pessoal do serviço da rainha da Inglaterra e da rainha da Escócia.

A cena passa-se na Inglaterra.

Ato Primeiro

Sala no Castelo de Fotheringhay

Cena 1

(Ana Kennedy discute acoloradamente com Paulet, que está abrindo um armário. Drugéon Drury, ajudante de Paulet, traz na mão uma alavanca de ferro)

ANA — Que e que está fazendo, senhor? Mais uma indignidade? Não mexa nesse armário.

PAULET — Donde vieram as jóias? Foram jogadas do primeiro andar com o fim de subornar o jardineiro. Malditos sejam os estratagemas das mulheres! Apesar das minhas precauções e das incessantes pesquisas, há ainda jóias e tesouros escondidos. *(Arromba o armário)*. No lugar onde estavam, deve haver ainda mais alguma coisa.

ANA — Para trás, audacioso! Estão aí os segredos da rainha.

PAULET — É precisamente isso o que procuro eu. *(revista vários papéis.)*

ANA — Papéis sem importância, simples exercícios de caligrafia, distração para suavizar as tristes horas de cativo.

PAULET — O espírito do mal nos tenta nas horas de ócio.

ANA — Estão escritos em francês.

PAULET — Muito pior! É a língua dos inimigos da Inglaterra.

ANA — São cópias de cartas dirigidas à sua rainha.

PAULET — Pois vou levá-las. Que vejo? Que é que está brilhando ali? (*Calca numa mola secreta e tira de uma prateleira um cofrezinho de jóias*). Um diadema real cravejado de pedras preciosas e adornado com as flores de lis da França. (*Entrega-o ao seu ajudante*). Guarda-o, Drury, junta-o ao outro. (*Drury sai.*)

ANA — Que afrontosa tirania nos obrigam a sofrer!

PAULET — Enquanto lhe restar alguma coisa, dar-nos-á trabalho, pois nas suas mãos não há nada que não seja uma arma contra a qual temos que nos precaver.

ANA — Seja generoso, senhor, não leve as últimas jóias que lhe restam! A infeliz rainha sucumbe se tudo lhe for tirado do seu antigo esplendor.

PAULET — Está em boas mãos. Quando chegar a ocasião devida, tudo lhe será restituído.

ANA — Quem poderá suspeitar que aqui, entre estas paredes nuas está morrendo uma rainha? Onde está o real tapete que rodeava o seu trono? É forçoso que os seus pés suaves e delicados se habituem a pisar este rude pavimento. Os pratos da sua mesa são de grosseiro estanho. Envergonhariam a mais humilde aldeã.

PAULET — Em pratos assim comia seu esposo em Steruly, enquanto ela bebia em taças de ouro, cercada por seus cortesãos.

ANA — Nem ao menos um espelho lhe deram.

PAULET — Enquanto puder contemplar o seu vaidoso semblante não deixará de ter esperança e de ser audaciosa.

ANA — Também não tem livros para entreter o

espírito.

PAULET — Porque se servia dele para acompanhar as suas canções de amor.

ANA — Será este o destino digno duma mulher que desde o berço foi chamada rainha e cresceu rodeada de alegrias na corte ilustre dos Médicis? Não era bastante arrancar-lhe o poder? Invejam-lhe até o seu divertimento mais insignificante! Uma grande desgraça e uma grande lição para um coração elevado, que, por fim, acaba por se familiarizar com ela. Mas é triste, bem triste, ver-se privada dos mais humildes adornos da vida.

PAULET — A senhora gasta todos os seus esforços em infundir cada vez maior vaidade num coração que devia cair em si e se arrepender duma vida de prazer, ou melhor, de vícios, que só podem ser expiados com a necessidade e com a humilhação.

ANA — Se a sua mocidade tão cheia de ternura tem sido um tanto descuidada, é coisa que só Deus e o seu coração podem julgar. Para ela não há juizes competentes na Inglaterra.

PAULET — Será julgada onde praticou o delito.

ANA — Não pode ter praticado delitos, já que passou a sua vida encarcerada.

PAULET — E mesmo assim soube fazer relações no mundo, atear no reino a guerra civil e armar contra a nossa rainha, maltas de assassinos. Estava sob vigilância entre estas muralhas e contudo soube excitar o malvado Parry e Dalington a tentar cometer o hediondo crime do regicídio. Foram porventura estas grades um obstáculo para deixar de seduzir o generoso coração de Norfolk? É ela a culpada da melhor cabeça desta ilha ter caído sob o machado do carrasco. E diante desse exemplo lamentável não se amedrontaram nem

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

